

PARA UMA LEITURA SIMULTÂNEA DO QUALITATIVO E DO QUANTITATIVO: O EXEMPLO DE “CONTAR SUA VIDA”*

Michèle FERRAND**

Trad. Regina Martins da Matta***

RESUMO: Este artigo tem como objetivos colocar a necessidade de ultrapassar-se a oposição entre as abordagens quantitativa e qualitativa e defender a idéia de seu uso articulado sobre um mesmo campo de investigação. A pesquisa consistiu em pôr à prova as informações obtidas através de um questionário biográfico padrão (isto é, que observava as principais etapas da vida da pessoa pesquisada a partir da sua saída da família de origem), confrontando-as com aquelas fornecidas pelas histórias de vida recolhidas com as mesmas pessoas. A comparação mostra que os dois métodos permitem identificar as regularidades que emergem da variedade das experiências individuais e que a qualidade das informações obtidas é menos diferente e mais complementar. A situação de pesquisa – por questionário ou entrevista – exige, por parte do pesquisado, a produção de um sentido que dá coerência a sua vida e exprime-se em uma “mensagem” que fundamenta tanto a narrativa de vida quanto a maneira de responder ao questionário.

PALAVRAS-CHAVE: História de vida, questionário biográfico, longitudinal, vida familiar e vida profissional, gênero.

O interesse pela abordagem longitudinal retrospectiva, muitas vezes manifestado pelos estatísticos, revela-se freqüentemente difícil de ser levado à prática, tanto pela densidade dos questionários quanto pelas dificuldades de tratamento da informação. Apenas os demógrafos, por razões diretamente ligadas a suas áreas de pesquisa, lançam-se nesse penoso empreendimento.¹ Dessa forma, a pesquisa sobre as “Condições de

* Esse texto apresenta os resultados de uma pesquisa publicada em 1990 (BATTAGLIOLA, BERTAUX-WIAME, FERRAND, IMBERT, 1991).

** Socióloga, Pesquisadora do CNRS, integrando a equipe do Centre de Sociologie Urbaine- CSU, do IRESCO, em Paris.

*** Tradutora autônoma. Revisão de Anete Brito Leal Ivo.

¹ A maior parte do tempo, coletam-se histórias genéticas ou genealogias. O exemplo mais bem-sucedido é o da pesquisa implantada pelo Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED) por Courgeau e Eva Lelièvre, que deram forma a um instrumento retomado por inúmeros pesquisadores.

vida dos franceses”, realizada pelo Instituto Nacional da Estatística e dos Estudos Econômicos (INSEE), representou uma verdadeira inovação, vez que, ao lado dos tradicionais questionários “domiciliares” (isto é, um conjunto de questões apreendendo tudo o que se refere aos indivíduos que compartilham um mesmo domicílio) e dos questionários individuais (o INSEE, quando de suas pesquisas periódicas, interroga, geralmente, um dos adultos indicado por sorteio e presente no domicílio), propunha-se, pela primeira vez, um questionário biográfico, buscando inventariar as principais etapas da vida do indivíduo interrogado. Essa pesquisa foi desenvolvida em 1986 – 1987 e seu objetivo era melhor delimitar o acúmulo das desigualdades e das situações difíceis, pela observação de alguns momentos tais como os de saída da residência dos pais, de obtenção de emprego, de desemprego, de início de vida de casal, de nascimento ou de partida dos filhos. Com este questionário biográfico, buscava-se retratar, de maneira relativamente padronizada, as principais etapas da vida da pessoa interrogada, a partir do momento de sua saída da família de origem. Além de datar precisamente os acontecimentos, cadenciando o desenrolar da existência, o questionário previa questões “subjetivas” sobre os períodos mais difíceis, a falta de dinheiro e as ocorrências negativas (acidentes, doença, morte de alguém próximo, etc.) Uma especial importância foi dada à primeira e à última vez em que ocorreram os diferentes acontecimentos registrados. Quatorze modalidades foram retidas com referência à vida profissional e familiar, e três questões referiam-se a momentos de dificuldade. Os intervalos entre os acontecimentos constituíam tantos períodos sucessivos quantos os que o entrevistado fosse convidado a caracterizar do ponto de vista da sua situação pessoal (saúde e moral) e financeira. Esse questionário era aplicado em seguida aos questionários clássicos, que abrangiam numerosos aspectos da vida dos indivíduos, sendo investigadas particularmente três campos: o do trabalho (e do desemprego), o da saúde (com um questionário específico, retomando toda a história médica do indivíduo) e o da vida familiar.

Esse questionário deveria ser objeto de um tratamento estatístico específico, que permitiria serem evidenciadas “classes de trajetórias”, in-

dicando como os indivíduos e as famílias são suscetíveis de passar por momentos de debilitação, mas também de melhoria.²

Para testar a contribuição dessa nova metodologia, o INSEE decidiu confrontar a qualidade das informações obtidas com a aplicação dos questionários com aquelas resultantes das entrevistas autobiográficas realizadas com as mesmas pessoas (ou seja, as que responderam anteriormente ao questionário). Nossa equipe,³ interessada nessa perspectiva de comparação metodológica, propôs efetuar entrevistas biográficas complementares, centrando as perguntas sobre a articulação vida familiar/vida profissional. Nosso processo de trabalho partia de um duplo questionamento. Por um lado, investigava-se a maneira pela qual podiam se conciliar ou se opor as lógicas familiares e as lógicas profissionais; por outro lado, buscava-se conhecer como, na perspectiva de uma reflexão em termos de gênero, as trajetórias se construía no masculino e no feminino.

O DISPOSITIVO DE PESQUISA

Entre as pessoas que o INSEE tinha interrogado e que, no momento da pesquisa, tinham concordado em receber, no curso do ano seguinte, um segundo entrevistador, nós retivemos 50 casais ativos, tendo ao menos um filho e pertencendo às categorias “populares” (operários, empregados dos escalões mais baixos, trabalhadores por conta própria: artesãos, agricultores, comerciantes). A maioria dos entrevistados tinha entre 30 e 60 anos.

As entrevistas biográficas centraram-se, prioritariamente (como o questionário biográfico) em torno de dois temas: o desenrolar da vida familiar e o percurso escolar e profissional. Na dinâmica da entrevista, outros aspectos foram abordados por nossos sujeitos, em particular sua

² Infelizmente, o INSEE não atingiu inteiramente seu objetivo, e o questionário biográfico não foi tratado de modo específico: cf BATTAGLIOLA e *al.*

³ Françoise BATTAGLIOLA, Isabelle BERTAUX-WIAME, Françoise IMBERT e Michele FERRAND.

inserção nas redes de sociabilidade. Do mesmo modo atribuímos, na entrevista, um importante lugar à trajetória do cônjuge e dos filhos.

Uma vez determinada a população a pesquisar, foi posto em prática um procedimento um pouco particular na equipe de pesquisa: alternadamente, uma de nós fazia uma entrevista “cega” – ou seja, conhecendo do entrevistado apenas seu nome, sua profissão e o número de filhos – começando com uma questão bem ampla, “Poderia traçar sua trajetória familiar e profissional?” A entrevista durava em torno de uma hora e meia, período de tempo mais ou menos comparável ao necessário para a aplicação dos questionários INSEE. A seguir, a entrevista era inteiramente decifrada, anotando-se as condições em que se havia desenrolado.

Em um segundo momento, uma outra pesquisadora da equipe fazia a análise da entrevista e elaborava um “retrato” do indivíduo interrogado, recompondo sua trajetória, que era periodizada de acordo com os acontecimentos biográficos assinalados.

Paralelamente, a terceira pesquisadora, apoiando-se no questionário biográfico e nos dados contidos nos outros questionários (acontecimentos vividos na infância, data e razões da interrupção dos estudos, acesso à propriedade, condições de trabalho, etc...) compunha igualmente um “retrato” da pessoa interrogada e reconstruía uma trajetória, acentuando os acontecimentos suscetíveis de reorientar essa trajetória e a periodização produzida com base no questionário biográfico.

Sem ter tomado conhecimento diretamente nem da entrevista nem dos questionários, a quarta pesquisadora comparava os dois retratos. Confrontando as duas trajetórias, ela identificava a concordância entre os acontecimentos registrados, os eventuais desacordos quanto à periodização e, afinal, tentava avaliar a contribuição específica de cada um dos dois modos de coleta para dar conta do itinerário da pessoa considerada.

É preciso sublinhar aqui a forma bastante inédita de tratamento dos questionários, permitindo mostrar, pela leitura qualitativa passível de ser feita, que se pode apreender o desenrolar de uma existência e retrazar a trajetória familiar e profissional do indivíduo interrogado. O confronto

com os retratos elaborados com base na análise das entrevistas mostra que é possível, com atenção e um mínimo de perspicácia, extrair materiais aparentemente muito codificados e rígidos, elementos sociológicos que remetem, efetivamente, a uma realidade biográfica. Por trás da demarcação dos acasos da vida, das bifurcações e das permanências propostas pelo questionário biográfico, o que se desenha é, realmente, uma trajetória individual e singular.

Entretanto, duvidávamos um pouco dessa capacidade dos questionários de “restituir a vida”, mais ou menos convencidos, como todos os adeptos do qualitativo, da superioridade da entrevista para dar conta do longitudinal e da especificidade da história individual. *A priori*, julgávamos os questionários inadequados para detectar, entre os acontecimentos inventariados, aqueles que se revelariam determinantes para explicar as inflexões das trajetórias, pois eles permaneceriam mudos quanto à natureza dos processos capazes de reorientá-las. Ao contrário, a nossos olhos, a dimensão temporal e a explicitação do sentido das trajetórias pareciam inerentes ao próprio procedimento da entrevista biográfica.

Constatar que as diferenças na qualidade da informação obtida, segundo o modo de colhê-la, eram menores do que se havia imaginado, foi uma verdadeira surpresa. Uma leitura qualitativa dos questionários revelava ser tão grande a capacidade informativa de algumas questões fechadas quanto a alcançada com o discurso biográfico. A convivência que se pode observar quando das entrevistas biográficas, pode provocar não-ditos, subentendidos, elipses, enfim, ser fonte de imprecisão e causa de perda de informação. Esse mecanismo age sobretudo quando da evocação de episódios dolorosos. Um movimento de pudor pode conduzir à elisão, exatamente onde o questionário obtém, mais diretamente, uma descrição exaustiva. Tudo se passa como se os indivíduos, em face de um entrevistador institucional, aceitassem mais facilmente responder às questões desagradáveis, sendo porém mais reticentes a entregar-se na circunstância – entretanto mais intensa – da entrevista.

O resultado do confronto dos dois modos de levantamento permite igualmente pensar que a flexibilidade que, em geral, se atribui à entrevista, deve ser relativizada, pela força da questão inicial. Se é verdade que uma narrativa biográfica é, por definição, construída em torno de seqüências ordenadas segundo o gosto do entrevistado, essa ordem é, por vezes, afetada – ainda que involuntariamente – pelo entrevistador. E é exatamente essa flexibilidade que corre o risco de determinar uma variação na coleta da informação, segundo o entrevistador, que pode, assim, complicar seu tratamento no momento da análise. As retomadas de questões, na medida em que correspondem – aliás, nem sempre consciente – a interrogações mais pessoais de cada um, podiam induzir uma coloração diferente na narrativa da vida. Foi o confronto com os “retratos” saídos dos questionários, que revelou a importância dessa variação e obrigou a uma maior acuidade na análise das entrevistas.

O EXAME DA COMPARAÇÃO

Entretanto, o confronto sistemático dos retratos, indivíduo a indivíduo, permitiu concluir que os dois instrumentos de coleta possibilitavam recompor trajetórias não muito diferentes. Reconstruídas com base em entrevistas ou em questionários, elas apresentavam a mesma configuração geral movimentada ou não (as ameaças de precarização apareciam sempre de maneira comparável) apesar de algumas decalagens de tempo, sobre as quais voltaremos a falar. Mas por trás dessa aparente semelhança, delineava-se uma diferença significativa, pois, se os itinerários familiares mantinham-se muito próximos em um e outro método, o mesmo não se dava em todos os itinerários profissionais.

Uma história familiar muito semelhante nos dois instrumentos de coleta

Os itinerários reconstruídos com base em acontecimentos familiares – vida de casal, nascimento de filhos, separação, etc. – são identificados de forma idêntica no questionário e na entrevista, e seu ordenamento

não varia muito. O questionário não apreende tão bem as situações complexas, tais como as recomposições familiares. De fato, neste caso, os filhos do cônjuge que não ficou com a guarda, se ele não é a pessoa interrogada pelo entrevistador, não aparecem. Entretanto, a superioridade informativa da entrevista, no que se refere a esse ponto, nem sempre é evidente, pois a entrevista com indivíduos divorciados torna igualmente difícil a coleta de informações precisas relativamente à configuração familiar anterior e as diferenças entre os dois modos de coleta permanecem, em definitivo, mínimas.

Carreiras profissionais diferentemente retraçadas

A construção dos itinerários profissionais segundo o instrumento de coleta mostra a correta adequação dos indicadores utilizados no questionário para a apreensão das trajetórias de atividade contínua, que constituem os percursos masculinos dos anos de pleno emprego. Em contrapartida, revela-se mais difícil a reconstituição dos itinerários profissionais caracterizados por idas e vindas entre atividade e inatividade, daqueles em que se sucedem, em um ritmo rápido, empregos ocasionais ou “complementares”, pequenos trabalhos de curta duração, em tempo parcial ou temporários. Para apreender a vida de trabalho de homens qualificados, adultos, e há longo tempo inseridos no mercado de trabalho, as abordagens qualitativa e quantitativa revelam a mesma qualidade, com uma ligeira superioridade em favor dos questionários, em razão das numerosas questões sobre as condições de trabalho, os horários, as promoções, etc. As pessoas satisfeitas, sem problemas, freqüentemente relatavam muito rapidamente seus itinerários durante a entrevista. Inversamente, no caso dos jovens, dos não-qualificados e das mulheres, a entrevista revelou-se mais eficiente, pois o questionário não previa ocorrências em número suficiente para dar conta de tudo que interfere na orientação e na reorientação das trajetórias profissionais, sobretudo no período de inserção. Assim, a entrevista permitiu pontuar as insuficiências do questionário, insuficiências que podiam conduzir a uma interpretação er-

rônea da situação da pessoa interrogada. Por exemplo: uma jovem mulher aparecia como inativa, enquanto a entrevista mostrava que ela tinha feito sucessivos estágios remunerados e tido empregos temporários que não puderam ser detectados, uma vez que nos questionários só se registravam empregos de pelo menos seis meses. Outro defeito do questionário: focalizar o primeiro e o último emprego, o que pode falsear a leitura do itinerário do indivíduo. Desse modo, para um militar reformado, os questionários só indicaram o primeiro emprego, como pastor, ocupado antes do seu alistamento no exército, e aquele que ele ocupa atualmente, como empregado em tempo parcial, cujo salário completa sua pensão. Toda a sua carreira – e promoções – no exército passou assim em silêncio.

A inscrição espacial dos itinerários

Um ponto foi, propositadamente, deixado de lado pelo INSEE, o da mobilidade geográfica e residencial. Essa posição prévia falseou o cotejamento, pois a dimensão espacial das trajetórias revelou-se não só útil, mas, por vezes, indispensável à sua compreensão.

Nos questionários, ao mesmo tempo em que havia questões muito detalhadas sobre a residência atual, não se aventava a possibilidade de mudança de casa, região ou país. Era possível apenas saber se a pessoa interrogada nascera no estrangeiro; mas não se questionava nada que pudesse informar sobre o percurso migratório e sobre as razões dessa migração. Se o indivíduo entrevistado não tivesse se mudado desde o seu nascimento, deduzia-se do questionário e da entrevista uma trajetória idêntica. Em contrapartida, no caso dos indivíduos que migraram de um país a outro ou de uma região a outra, essa ausência de informação no questionário torna, por vezes, incompreensível a trajetória: ela apresenta contradições que só podem ser esclarecidas pelas explicações fornecidas no âmbito da entrevista. Assim, a comparação mostra como a mobilidade espacial ou residencial pode constituir a própria ossatura da narrativa de vida.

A entrevista permite também compreender como o fato de “não mudar” é importante na leitura de uma trajetória. Nos ambientes modestos, estudados pela pesquisa, a inserção local oferece recursos que favorecem a melhoria da posição social, quer se trate de uma rede de troca de serviços ou da oportunidade de exercer-se um trabalho independente. Por vezes, o ambiente mais próximo e a rede familiar e social contribuem mais fortemente para a reorientação positiva das trajetórias (ou para que se mantenham afastadas de uma certa precariedade) que o aleatório da vida profissional. Ora, esses elementos são ignorados nos questionários. E mais, a consideração da mobilidade dos indivíduos permite verificar uma de nossas hipóteses centrais: a do caráter sexuado da construção das trajetórias. Migrar ou mudar de região, mesmo simplesmente de local de residência, pode beneficiar alguns membros da família, revelando-se, ao mesmo tempo, prejudicial a outros, segundo a maneira pela qual se negociaram os projetos e as estratégias, que podem se revelar divergentes, mesmo antagônicos, para os membros da família. Assim, uma mudança de residência ligada à melhoria da posição profissional do marido, pode comprometer inteiramente a reinserção profissional da esposa em um mercado de trabalho restrito. Para alguns casais, instalar-se na região de origem da mulher ou do homem é assim um objetivo importante entre os cônjuges, em virtude da importância dos recursos da família extensa, que podem ser mobilizados em seu benefício. Em definitivo, a recusa em considerar a dimensão espacial nos questionários permitiu-nos, ao contrário, provar sua importância na interpretação das trajetórias e insistir na dificuldade de dar conta da trajetória do grupo familiar através unicamente da vida de um dos membros da família.

OS RESULTADOS DO CONFRONTO DAS DUAS ABORDAGENS

Enfim, as diferenças não se situam onde poderíamos esperá-las: trajetórias muito movimentadas são congruentes nos dois instrumentos de coleta, quando os momentos de inflexão são considerados pelas categorias do questionário. Questionários e entrevistas permitem, então, que

se observem trajetórias, por certo complexas, mas efetivamente passíveis de leitura, por vezes até mesmo com uma leve vantagem para o questionário, que, graças a respostas mais focalizadas, obriga, por princípio, a uma precisão maior em termos de data e periodização. Em contrapartida, mesmo lineares, as trajetórias podem claramente divergir segundo os dois modos de coleta de informações, quando sua dinâmica inscreve-se em campos não-cobertos pelo questionário ou dificilmente objetiváveis mediante um tal modo de levantamento, a exemplo das pequenas mudanças ou da possibilidade de mobilizar capitais (relacionais e simbólicos, sobretudo) cujo impacto é difícil de medir.

A confrontação das duas técnicas mostra, paradoxalmente, que elas se defrontam com limitações similares. Ao caráter necessariamente fechado e limitador do questionário, opõe-se a aparentemente grande liberdade concedida ao indivíduo entrevistado para a escolha dos acontecimentos que ele relata, liberdade, entretanto, menor do que se pensa, quando se sabe que o pesquisador, através de retomadas de questões e solicitações de maior precisão, orienta inevitavelmente a entrevista. No final de contas, pesquisador e estatístico operam uma seleção ao coletar acontecimentos, privilegiando alguns, negligenciando outros. Nos dois casos, a trajetória é reconstruída com base nos acontecimentos escolhidos, como se aqueles deixados de lado não tivessem nenhum peso.

Além de permitir essa constatação, a pesquisa, em um **primeiro momento**, confirma uma ligeira superioridade da entrevista sobre o questionário para a reconstituição do longitudinal. Mesmo se não consideramos o esquecimento de algumas dimensões (geográfica, neste caso), o questionário não fornece o roteiro de leitura das trajetórias, que, entretanto, ele permite reconstruir com alguma precisão. No entanto, a ligação entre acontecimentos, a explicitação das mudanças ou transições são muito presentes na entrevista, permitindo atualizar-se processos sociais que atuam na reorientação das trajetórias. Essa superioridade da entrevista reside igualmente na capacidade de captar o que muda, opondo-se, assim, ao caráter estático, pré-construído, do questionário. A entrevista

funcionaria então como meio de esclarecer novas práticas, como reveladora das transformações do contexto social (novas formas familiares, crescimento do desemprego e desenvolvimento do emprego precário, etc...).

Entretanto, em um **segundo momento**, o confronto de nossas entrevistas com os dados obtidos com os questionários obriga a tomar certa distância em relação à imagem que o entrevistado propõe da sua própria trajetória. De fato, como o sublinha PASSERON (1990): *A narrativa biográfica já apresenta uma ordem excessivamente falante, que poderia dispensar qualquer trabalho de reconstrução, uma vez que, antes de tudo, propõe e impõe um modelo de interpretação.* A precisão, a formalização das respostas aos questionários, permitem-nos, então, questionar a “inteligibilidade”, por vezes um pouco excessivamente construída, de alguns retratos obtidos com nossas entrevistas, em que “o esquecimento” de alguns fatos mencionados nos questionários impunha reler diferentemente as narrativas biográficas recolhidas. Esse confronto, obrigando a uma reflexão sobre os procedimentos de seleção/omissão dos fatos pelos indivíduos convidados a contar sua vida, nos levaram a rediscutir a *certeza de que nada é insignificante* (PASSERON, 1990).

O que se revelou de mais convincente, ao final de nossa pesquisa, foi a importância da reunião dos dois métodos, somente com essa reunião sendo possível detectar e identificar as regularidades que emergem da variedade das experiências individuais. O questionário biográfico, tratado estatisticamente, constitui uma real contribuição para o conhecimento, quando sua exploração apóia-se na realização paralela de entrevistas realizadas com os mesmos indivíduos. O qualitativo é, então, utilizado não como simples ilustração do quantitativo, mas como auxílio à interpretação. Isso permite afinar as categorias utilizadas nos questionários, saindo-se dos estereótipos e mostrando-se o caráter obsoleto de algumas formulações ou mesmo de certos questionamentos: essa é a maneira pela qual se apreende a trajetória profissional dos jovens e das mulheres.

O confronto questionários/entrevistas traz, também, de forma mais global, a questão da pertinência de uma identificação dos fatos, ao mesmo tempo sistemático e não-exaustivo: o questionário biográfico não tenta sempre recuperar todos os acontecimentos, contentando-se em levantar a primeira e a última ocorrência, dando assim, *a priori*, uma importância maior aos pontos de partida e de chegada das trajetórias, e ignorando o que se encontra entre esses dois pontos. A entrevista focalizará sobretudo a ocorrência que é julgada mais marcante pelo indivíduo entrevistado.

Todavia, no caso de trajetórias lineares e bem comuns, a qualidade da coleta da informação por meio de questionários abala um pouco a imagem sagrada da entrevista. Não se registra tudo do discurso da pessoa entrevistada; compreender e, sobretudo, generalizar, exige hierarquizar a informação, inclusive de uma maneira diferente daquela do entrevistado.

Qualquer levantamento de percurso de vida organiza-se em torno de um esquema de narrativa, socialmente admitido, de “disposição em intriga”. Alguns dos fatos narrados são dotados, pela pessoa interrogada, de um poder explicativo específico, ou apresentados como momentos-chave do seu percurso. É através dessa dinâmica da narrativa que os períodos que recortam as trajetórias adquirem sentido. Evitar deixar-se encerrar na leitura proposta, e mesmo imposta, pela pessoa interrogada, implica levar em conta o esquema narrativo e “a apresentação de si” que organiza o discurso.

A entrevista pode aparecer como a via nobre para alcançar a subjetividade das pessoas, enquanto o questionário, a despeito das questões abertas e do lugar deixado à avaliação das seqüências biográficas, parece permitir uma maior objetivação dos dados. Ora, as respostas ao questionário, através das seleções ou condensações operadas, as precisões acrescentadas, manifestam igualmente a elaboração subjetiva de qualquer interrogação que trate da vida de um indivíduo. O que está em jogo na circunstância de uma pesquisa – por questionário ou entrevista – parece de fato consistir, para o sujeito estudado, na produção de um sentido que dá co-

erência a sua vida e exprime-se em uma “mensagem” que fundamenta a narrativa de vida ou as respostas aos questionários. É essa “mensagem” que organiza a seleção e a classificação dos acontecimentos selecionados ou postos em destaque, a delimitação e a ordenação dos períodos da vida. Por outro lado, um acontecimento não pode ser considerado isoladamente: ele só adquire sentido no conjunto da história tal como é relatada. Essa exigência metodológica mostra assim a estupidez de opor abordagem quantitativa e abordagem qualitativa e constitui-se em argumento definitivo para a sua utilização conjunta.

A história de Georgette: *EM TODA MINHA VIDA, NUNCA FIZ O QUE QUIS*

RETRATO OBTIDO COM A ENTREVISTA

Infância: 1940-1956

Nascida em 1940, em um subúrbio de Paris, Georgette tem um irmão um ano e meio mais velho que ela – nascido cinco anos depois da morte, em conseqüência de uma meningite, de uma irmã mais velha – que será o preferido da mãe. Vem a Segunda Guerra e os avós maternos, traumatizados pela de 14, deixam seu comércio (alimentos-carvão-balcão de bebidas) aos cuidados da mãe de Georgette, para abrigar-se com os netos na Normandia. É um período muito feliz para Georgette, ainda que sinta falta da mãe.

O retorno para a casa dos pais, por volta dos seus seis anos, é um verdadeiro desenraizamento para a criança, que é imediatamente posta na escola. Por razões de partilha de bens, a mãe de Georgette renuncia ao comércio familiar e compra um pequeno café-mercearia em um subúrbio vizinho, em frente a um porto. O pai de Georgette é torneiro.

A escolaridade é interrompida cedo demais, do ponto de vista da interessada: depois de algumas dificuldades para habituar-se à escola, Georgette se sai bastante bem e gostaria de continuá-la. Sua mãe opõe-se, devido à sobrecarga financeira dos estudos do irmão, julgados prioritários (este, entretanto, só chega-

rá ao CAP).⁴ Ela faz então um curso profissionalizante e obtém um CAP de corte e costura em 1956. Não querendo “ficar a vida toda na máquina de costura”, desejando “aperfeiçoar-se e depois dirigir um *atelier*”, tenta convencer sua mãe a deixá-la continuar a escola até um diploma profissional mais qualificado, mas sofre um segundo não.

O primeiro emprego: 1957-1959

Georgette sai à procura de trabalho e encontra um lugar de auxiliar de costureira. Sobee rapidamente na hierarquia e chega a costureira-chefe, qualificada. Ela acha seu salário insuficiente, mas não passa por problemas financeiros sérios, porque ainda vive na casa dos pais.

Primeiro chamado da família: 1959-1961

Sua mãe adoece e Georgette deve substituí-la, o que não lhe agrada muito: *Eu, que tinha custado tanto tempo a me fixar na minha costura... me encontrei detrás de um balcão de bar, era o horror, o horror.*

Ela substitui a mãe durante dois anos, de segunda a segunda. E quando a mãe se restabelece é preciso que Georgette encontre um trabalho assalariado. Os salários oferecidos pela confecção lhe parecem insuficientes. Depois de aprender, sozinha, a escrever à máquina, consegue um emprego de datilógrafa na matriz de uma empresa siderúrgica.

A primeira vez que mora sozinha: 1967

Georgette retoma o apartamento da avó paterna, em um subúrbio mais próximo de Paris; ela mora sozinha e faz cursos noturnos para melhorar sua qualificação.

Conhece então Georges, colega de seu primo e operário como ele. George teve uma infância difícil, criado, assim como seu irmão mais novo, por uma tia, depois da morte prematura dos pais em decorrência de uma tuberculose. Ele ob-

⁴ NT: CAP: Certificado de Aptidão Profissional, que se obtém ao fim do curso fundamental, uma vez que se tenha feito uma opção profissionalizante ou que a esta se seja conduzido, com base na avaliação, feita pela escola, de uma ausência de aptidão para avançar-se na escolaridade.

tém um CAP e encontra um emprego de ajustador. Namoram durante vários anos e, quando Georgette engravida, decidem casar-se.

Casamento e nascimento de seu filho: 1971

O jovem casal instala-se no apartamento de Georges, em um subúrbio um pouco mais distante. O filho, Pierre, nasce no mês de agosto.

Começa então, para Georgette, um período relativamente difícil, em que ela mal consegue conciliar vida profissional e trabalhos domésticos. Pierre adoce muito, o que a obriga a faltar ao trabalho com frequência. Além disso, a empresa em que trabalha começa a passar por dificuldades. É no momento em que ela começa a questionar-se sobre o futuro que sua mãe, bruscamente, decide aposentar-se e, sem jamais ter levantado essa possibilidade antes, lhe propõe retornar o café.

Segundo chamado familiar: 1974

Georgette decide, depois de muitas hesitações, aceitar a oferta de sua mãe. Instala-se com seu filho no apartamento anteriormente ocupado por seus pais, enquanto seu marido, devido à proximidade do seu trabalho, continua no antigo. Ao fim de algum tempo (nenhuma data), a empresa em que Georges trabalhava se recupera, e este aproveita para conseguir ser demitido e indenizado. Ele submete-se a duas cirurgias do joelho, uma logo depois da outra, mas não há dados que esclareçam se essas aconteceram depois da sua demissão.

Sem trabalho, Georges recebe um bom seguro-desemprego (90 %), mas entra em depressão. Consegue afinal um emprego, menos qualificado e menos bem-pago, porém próximo de sua nova residência. Um problema de saúde muito grave (hemorragia interna), sobrevivendo posteriormente, vai obrigá-lo a interromper novamente sua atividade.

Georgette cuida muito dos seus pais, que moram perto, como também, aliás, da numerosa família do seu irmão (quatro crianças), este último não assumindo devidamente suas próprias responsabilidades. Pierre beneficia-se da proximidade dos avós maternos, mas, infelizmente, não tem bons resultados na escola.

Georgette faz alguns trabalhos e mudanças no café, em consequência da modificação da clientela (a cada dia menor número de marinheiros e maior quantidade de professores): ela instala jogos, aumenta a área do café, constrói um pequeno terraço. Para isso ela procura o banco para um empréstimo e, diante da recusa, sua mãe lhe adianta a soma necessária.

Situação atual

Georgette viveu momentos difíceis quando a clientela mudou; ela se queixa de estar extremamente cansada; entretanto, com a ajuda de duas vizinhas, consegue entrar no ramo de restaurante para almoço.

Fala longamente de seu filho: ela enfrentou problemas desde que ele era bem pequeno. Muito turbulento e agitado, ele repetiu a alfabetização e não queria cumprir suas obrigações escolares. Ela consulta um psicólogo e faz com que o filho pratique esportes muito cedo, “para acalmá-lo”. Pierre repete a oitava série e só consegue “deslanchar” quando sua mãe o põe em um colégio “esporte-escola”, pois tem muito talento para o futebol. Atualmente ele está andando direito, embora com um atraso de dois anos. Ele queria especializar-se em gestão ou em informática, escolha aprovada por seus pais, que não acreditam haver muito futuro no trabalho “manual”. Georges vai aposentar-se dentro de dois anos. Quanto a ela, pretende continuar trabalhando enquanto Pierre estiver estudando, mas já diminui seu ritmo: pára mais cedo à noite, fecha nos fins-de-semana e, também, por várias semanas, nas férias de verão.

RETRATO OBTIDO COM O QUESTIONÁRIO

1940-1957: Origem familiar e infância

Georgette é a última de três irmãos (um irmão e uma irmã mais velhos). Seu pai, filho de um artesão ebanista, depois de cursos técnicos, conseguiu um emprego assalariado de torneiro (com metais). Sua mãe, que deixou a escola no primário, explora um café, herança do pai dela.

O questionário assinala uma infância difícil: graves problemas de saúde da mãe, carência de afeto durante **seu** primeiro ano de vida, afastamento dos pais por,

pelo menos, um ano na primeira infância (da última vez, aos três anos: devido à guerra?).

Georgette sai da escola em 1957, munida de um CAP, obtido sem repetência. Essa interrupção foi motivada por dificuldades financeiras e familiares: Georgette tem que trabalhar, não só porque seus pais não podem mais pagar seus estudos, mas porque sua mãe adocece.

1957-1967: Do primeiro emprego à primeira vez que mora sozinha

Georgette encontra um emprego de costureira, no qual vai permanecer por três anos. Ela terá, a seguir, três empregos, o último em 1974, sem períodos de interrupção nem desemprego. Observa que, em certo momento de sua vida, ela teve que trabalhar, porque as pessoas da casa que ganhavam dinheiro tiveram de interromper suas atividades e ela as substituiu. Assinala também que pelo menos um dos trabalhos que teve foi muito cansativo fisicamente.

Georgette não tem marido. Sempre sobra mês no fim do dinheiro, mas, de repente, sua situação financeira melhora. Moral e saúde vão bem.

1967- 1969: Da primeira vez em que mora sozinha à vida a dois

Durante esse período em que mora sozinha, observa Georgette, sua situação financeira é apertada, mas seu estado moral e saúde são bons.

1969-1971: Da vida a dois ao nascimento do primeiro filho

O cônjuge de Georgette é nove anos mais velho que ela. Ele tem um CAP (depois de uma repetência) e é ajustador. Os dois estão empregados, financeiramente o casal está tranqüilo, moral e saúde vão bem.

1971-1974: Do nascimento do primeiro filho ao emprego atual

Pierre nasce em agosto de 1971. Nenhuma mudança significativa, exceto pela situação financeira que melhora regularmente. Moral e saúde vão bem.

1974-1976: Do último emprego à saída de um primeiro mau momento

Georgette muda de emprego – ela retoma um bar-restaurante como comerciante independente. A situação financeira se degrada brutalmente. A saída do primeiro mau momento corresponde à ocasião em que Georges retoma seu trabalho.

Eles mudam de casa no momento da mudança de emprego de Georgette, indo residir no lugar – como proprietários, por herança ou doação – em que se encontram na ocasião da pesquisa. Construção antiga (1948), bem equipada (aquecimento central, sanitários e eletrodomésticos). Apreciam o lugar em razão da proximidade do trabalho e da residência dos outros membros da família. Mas Georgette acha que as despesas aí são muito pesadas (aquecimento); entretanto, não deseja se mudar e observa que, de todo modo, isso não seria possível. Moral e saúde vão bem.

1976-1982: Da saída de um primeiro mau momento à saída de um segundo

A situação financeira melhora muito. Essa melhoria é explicada pela segunda volta de Georges ao trabalho; em atividade no início do período, ele interrompeu de novo seu trabalho. Moral e saúde continuam bons.

1982-1986 - Da segunda saída de um mau momento à situação no momento da pesquisa

A situação financeira continua a degradar-se. Eles são obrigados a tomar um empréstimo de 42.000 francos em 1986. Os dois encontram-se em atividade. Problemas passageiros com o moral e a saúde.

Situação atual

No momento da pesquisa Georges é ajustador (OQ) numa fundição; ele trabalha 42h por semana e seu trabalho fica próximo de sua casa (15 min). Sua situação profissional permanece inalterada desde 1985, ano de referência para o INSEE.

O julgamento feito por Georgette sobre seu trabalho, corresponde com exatidão às condições da atividade de um comércio: ela julga-o penoso, fisicamente cansativo, mal-pago, mediantemente considerado e pouco favorável a uma promoção. Mas ela acha-o interessante e pouco monótono. Estima trabalhar cerca de 80 h por semana (incluindo o trabalho doméstico). Se ficasse doente, seus ren-

dimentos cairiam sensivelmente. À questão de se há risco de que seu comércio venha a passar por dificuldades nos dois próximos anos, ela confessa não poder responder.

Relativamente a sua situação financeira, ela se classifica numa categoria média: Georges recebe 80 mil francos de salário por ano; Georgette consegue 35 mil francos, também anualmente; o casal declara ficar com 3.500 francos por mês, uma vez deduzidos os impostos (11 mil francos por ano para o IRPP e as taxas locais) e o empréstimo. Ela julga que, com um tal nível de renda, um casal só pode viver com dificuldades. Entretanto, ela observa, têm uma poupança entre 60 mil e 120 mil francos. Ao longo dos três últimos anos, eles têm tido dificuldades para viajar nas férias. Ela prevê uma ligeira diminuição no seu rendimento no próximo ano.

Seu filho, que tem 15 anos no momento da pesquisa, está na oitava série. Ele repetiu uma série quando no curso primário.

Georges tem uma deficiência física, devido a problemas em um joelho, mas pode passar sem ajuda. Georgette avalia como médio o seu próprio estado de saúde; ela vai regularmente a um médico, fuma e bebe um pouco. Na três últimas semanas sentiu um cansaço muito forte, dores nas costas, nos rins e nas varizes. Faz um tratamento para a circulação do sangue e não usa anticoncepcional. Foi submetida a duas cirurgias (problemas benignos) e já fez um aborto.

Georgette vê regularmente seus pais e outros membros da família. Ela conhece pessoalmente alguns de seus vizinhos e já prestou pequenos serviços a um deles. Mas não tem amigos próximos e sua sociabilidade parece ser essencialmente familiar. Ela observa que, no caso de um grande problema, não teria nenhuma dificuldade para encontrar ajuda (material ou financeira), mas que isso nunca aconteceu. Ela não participa de nenhuma associação, não lê nem jornais nem livros, essencialmente por falta de tempo. Desejaria sair mais, andar de bicicleta ou fazer natação, mas também para isso sua profissão não lhe deixa tempo. Nos últimos 12 meses ela ficou 21 dias fora de casa. A entrevistadora nota que Georgette respondeu sozinha às questões, por vezes com uma certa dificuldade

para entendê-las; o contato foi bom e Georgette pareceu interessada pela pesquisa. Ela aceita a idéia de uma entrevista biográfica depois.

COMPARAÇÃO DOS DOIS PERFIS

Se a configuração da trajetória global de Georgette parece ser quase a mesma com os dois instrumentos de coleta, um cotejamento mais fino permite ver o que o questionário deixa passar em silêncio. Na ausência de itens adequados às infâncias atípicas (tal como a mudança para a casa dos avós), Georgette deixa passar a vivência da sua infância, operando condensações e deslocamentos dos acontecimentos reais sobrevidos: ela registra, de todas as formas possíveis, a obrigação de interromper os estudos, inclusive a doença da sua mãe que, de fato, intervirá mais tarde – e que explica – não sua entrada precoce no mercado de trabalho, mas sua primeira mudança de emprego.

Com relação ao itinerário profissional de Georgette, o questionário registra, de maneira exata, o primeiro e o último emprego, mas não considera o primeiro chamado da família e a reorientação que se segue, para um trabalho assalariado requerendo uma nova formação. Ainda que tendo adquirido uma efetiva qualificação na alta costura, Georgette não dá sinais de desqualificação de seus empregos ulteriores. O questionário não diz nada sobre o itinerário profissional de Georges: indica com exatidão duas voltas ao trabalho, sem precisar as razões da parada (mas nesse caso o erro foi do entrevistador e não do questionário, que previa esse tipo de resposta), nem fornecer informação sobre o impacto dessas duas interrupções sobre a vida familiar.

De fato, o questionário dá conta das dificuldades encontradas por Georgette, mas a diferença essencial entre os dois “perfis” nasce da dificuldade, para o questionário, de captar os acontecimentos marcantes que incidem diretamente na trajetória, e que Georgette apresenta, quase sempre, como exteriores e imprevisíveis. Entretanto, as questões finais sobre os maus momentos e os períodos difíceis deveriam ter permitido à en-

trevistada considerá-los e proporcionar elementos que se poderia confrontar com sua declaração inicial da entrevista: *eu nunca fiz o que quis, sempre fiz o que pude*. Essa subutilização da dimensão subjetiva do questionário deve-se, sem dúvida, ao fato de que é proposto aos entrevistados depois do conjunto dos outros questionários. As pessoas interrogadas podem, logicamente, pensar que não é necessário voltar a acontecimentos que elas evocaram alguns minutos antes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTAGLIOLA, F., BERTAUX-WIAME, I., FERRAND, M., IMBERT, F.
1990 Dire sa vie. Entretiens et questionnaires biographiques. **Le Groupe Familial**, [s.l.], jan./mar. n. 126.
- BATTAGLIOLA, F., BERTAUX-WIAME, I., FERRAND, M., IMBERT, F.
1991 **Dire sa vie. Entre travail et famille: la construction sociale des trajectoires**. Collection CSU.
- BATTAGLIOLA, F., BERTAUX-WIAME, I., FERRAND, M., IMBERT, F.
1993 A propos des biographies, regards croisés sur questionnaire et entretien. **Population**, [s.l.], n. 2, p. 325-346.
- BERTAUX, D
1980 L'approche biographique. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, n. 69.
- BERTAUX-WIAME, I.
1991 La force de rappel des liens familiaux. Rapports inter-générationnels et trajectoires familiales. In: BAWIN-LEGROS, B., KELLERHALLS, J (Éd.sci.). **Relations intergénérationnelles, Parenté-transmission-mémoire**. Liège: Univ. de Liège, Dép. de Sciences Sociales. p 185-196.
- BORKOWSKI JL
1986 Etudes des conditions de vie. Une enquête sur le cumul des inégalités. **Courrier Statistique**, [s.l.], n. 40.
- COURGEAU, D., LELIEVRE, E.
1990 L'approche démographique en démographie, **Revue Française de Sociologie**, Paris, n. 31 - 1.
- FERRAND M., IMBERT, F.
1993 Le longitudinal à travers quantitatif et qualitatif. **Sociétés Contemporaines**, Paris, n. 14/15.
- PASSERON, J. C.
1990 Biographie, flux, itinéraires, trajetórias, **Revue Française de Sociologie**, Paris, 31 - 1.

QUESTIONÁRIO BIOGRÁFICO

A - FIM DOS ESTUDOS

Em que ano o Senhor deixou de freqüentar regularmente a escola ou a universidade?

- a pessoa nunca foi à escola ou ainda a freqüenta
- a pessoa terminou seus estudos em 19....

B- PERÍODOS DE TRABALHO DE MAIS DE 6 MESES

O senhor já trabalhou, ao menos, durante 6 meses seguidos em sua vida?

- não, nunca procurou trabalho de fato
- não, mas efetivamente procurou, sem achar
- teve um primeiro emprego de mais de 6 meses em 19....
- teve vários empregos e o último em 19....

C- TRABALHO SUBQUALIFICADO

Eventualmente já lhe aconteceu aceitar um emprego abaixo da sua qualificação ou de sua competência?

- não, nunca
- sim, a última vez em 19....

D – INTERRUPÇÃO ATUAL DO TRABALHO

Neste momento, você parou de trabalhar?

- não, eu trabalho sempre
- sim, pois estou aposentado
- sim, pois estou desempregado
- sim, para criar meus filhos
- sim, pela razão a seguir:.....
- Eu parei em 19....

E – PERÍODOS DE MAIS DE 6 MESES DE INATIVIDADE

No passado, o Senhor já ficou inativo por períodos de mais de 6 meses?

- não
- sim, por causa do serviço militar, em 19...
- sim, fiquei desempregado uma primeira vez em 19...
- sim, fiquei desempregado vários vezes e a última foi 19...
- sim, para criar meus filhos, em 19...
- sim, por causa da minha saúde 19...
- sim, pela razão a seguir: 19...

F – DOMICÍLIO PESSOAL POR MAIS DE 6 MESES

Já morou ao menos por 6 meses seguidos em um domicílio pessoal, sem seus pais?

- não, sempre vivi com meus pais
- não, morei sozinho pela primeira vez em 19...

G – VIDA DE CASAL

Já levou, ao menos uma vez, vida de casal (casado ou não)?

- não, nunca
- sim, uma primeira vez em 19...
- sim, várias vezes, a última em 19...

H – SEPARAÇÃO, DIVÓRCIO

Já se separou alguma vez (com ou sem divórcio)?

- não, nunca
- sim, a primeira vez ou a única em 19...
- sim, várias vezes, a última em 19...

I – VIUVEZ

Enviuvou?

- não
- sim, a última vez em 19...

J – FILHOS

Teve (adotou ou criou) ao menos um filho?

- não
- sim, um primeiro (ou um único) em 19...
- sim, um segundo, nascido em 19...
- sim, mais de dois, o último nascido em 19...

K – PARTIDA DOS FILHOS

Alguns dos seus filhos deixaram sua casa?

- sim
- sim, um primeiro (ou um único) em 19...
- sim, outros filhos, o último em 19...

L – MENORES RECURSOS EM DINHEIRO

Ao longo da sua vida, houve anos em que teve menos dinheiro para viver que no ano que o tinha precedido?

- não
- sim, pois parei de trabalhar em 19...
- sim, pois meu (minha) esposo (a) parou de trabalhar em 19...
- sim, pois as alocações familiares baixaram em 19...
- sim, devido à queda do poder aquisitivo da minha categoria em 19...
- sim, porque hospedei amigos ou parentes durante mais de 6 meses em 19...
- sim, porque tive que pagar um empréstimo de alto valor 19...
- sim, pela razão a seguir:
-em 19...

M – SAÍDA DE UM MAU MOMENTO

Já lhe aconteceu conseguir “sair de um mau momento” (ou seja, achar que as coisas caminhavam claramente melhor, depois de um período difícil em que passou por muitos aborrecimentos)?

- não
- sim, uma primeira vez em 19...
- Indique a razão de ter conseguido
- sim, uma última vez em 19...
- Indique a razão de ter conseguido.....

N – ACONTECIMENTOS NEGATIVOS

Afora os problemas mencionados acima, viveu outros que teriam tido conseqüências negativas na sua vida?

- não
- sim, uma primeira vez em 19...
- Especificar
- Sim, uma última vez em 19...
- Especificar.....

Uma vez o questionário preenchido, os entrevistados eram convidados a precisar, para cada período definido por dois fatos, a visão que tinham de sua situação pessoal, moral, física e financeira.